



 **A SELVA E A SAVANA:  
A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E OS ESCRITORES AFRICANOS  
CONTEMPORÂNEOS**

*THE JUNGLE AND THE SAVANNAH:  
BRAZILIAN EDUCATION AND CONTEMPORARY AFRICAN WRITERS*

*LA SELVA Y LA SABANA:  
LA EDUCACIÓN BRASILEÑA Y LOS ESCRITORES AFRICANOS  
CONTEMPORÂNEOS*

 **José Eustáquio Romão**

Doutor em educação pela Universidade São Paulo (USP)  
Diretor Fundador do Instituto Paulo Freire do Brasil  
Secretário Geral do Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire.  
Professor e diretor na Universidade Nove de Julho – UNINOVE.  
[jerromao@gmail.com](mailto:jerromao@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo, parafraseando o título de um belo romance de Pepetela, *A savana e a estepe*, aborda a obra literária desse grande escritor angolano, como a de dois outros romancistas, também da África: Agualuza, de Angola e Mia Couto, de Moçambique. O trabalho estabelece uma conexão profunda entre arte e educação, especialmente entre literatura e educação, analisando a contemporânea produção romanesca contemporânea de autores africanos, com destaque daqueles que, de uma forma ou de outra, foram influenciados por grandes escritores brasileiros. Neste sentido, o conhecimento dessa literatura contribui para o cumprimento da Lei n.º 10.693/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura e da história da África, na Educação Básica Brasileira.

**Palavras-chave:** África; Brasil; educação; literatura.

**Abstract:** This article, paraphrasing the title of a beautiful novel by Pepetela, *The savannah and the steppe*, addresses the literary work of this great Angolan writer, as well as that of two other novelists, also from Africa: Agualuza, from Angola, and Mia Couto, from Mozambique. The work establishes a deep connection between art and education, especially between literature and education, analyzing the contemporary novelistic production of African authors, highlighting those who, in one way or another, were influenced by great Brazilian writers. In this sense, knowledge of this literature contributes to compliance with Law No. 10.639/2003, which establishes the mandatory teaching of African culture and history in Brazilian Basic Education.

**Keywords:** Africa; Brazil; education; literature.

**Resumen:** Este artículo, parafraseando el título de una bella novela de Pepetela, *A savana e a estepe*, aborda la obra literaria de este gran escritor angolano, así como la de otros dos novelistas, también africanos: Agualuza, de Angola y Mia Couto, de Mozambique. La obra establece una profunda conexión entre arte y educación, especialmente entre literatura y educación, analizando la producción novelística contemporánea de autores africanos, destacando aquellos que, de una forma u otra, fueron influenciados por grandes escritores brasileños. En este sentido, el conocimiento de esta literatura contribuye al cumplimiento de la Ley n.º 10.693/2003, que establece la enseñanza obligatoria de la cultura y la historia africanas en la Educación Básica brasileña.

**Palabras clave:** África; Brasil; educación; literatura.

**Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)**

ROMÃO, José Eustáquio. A selva e a savana: a educação brasileira e os escritores africanos contemporâneos. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 69, p. 1-15, e26248 abr./jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n69.26248>



## 1 Introdução

Algumas perguntas poderiam ser formuladas diante do título deste artigo: O que tem a ver a educação com a literatura, ainda mais com aquela que é produzida por escritores de outro continente? Em quê a literatura pode ajudar na pesquisa educacional, já que o dossiê de que este artigo faz parte é para uma revista científica de um programa de mestrado e doutorado em educação? Em primeiro lugar, cabe dizer que as artes, em geral, e a literatura, em particular, acabam por revelar mais nas pesquisas sobre contextos de objetos educacionais do que os próprios documentos oficiais da área. É que os artistas, estão mais “desarmados”<sup>1</sup>, isto é, não assumem uma posição defensiva, porque, geralmente, não querem provar qualquer tese, mas apenas exprimir, esteticamente, sua visão de mundo a respeito de um determinado aspecto da natureza ou de alguma realização humana. Para justificar o que aqui se afirma, ao se observar o trabalhos dos pesquisadores em um futuro distante, por exemplo, se um pesquisador da educação do século XXIII quiser conhecer melhor os sistemas educacionais das sociedades atuais, certamente ele não recorrerá ao *corpus jurídico* do campo educacional, às leis, aos decretos, aos documentos oficiais das políticas públicas formuladas pelos governantes e nem buscará suas fontes primárias nos formulários das burocracias exaradas pelos gestores escolares. Pelo contrário, ele recorrerá, certamente, às obras de arte, para melhor compreender como se ensinava e como se aprendia, como viviam os educadores e os aprendizes das formações sociais do século XXI. Não é assim que se comporta o pesquisador da história da educação da atualidade, quando, por exemplo, quer compreender melhor a educação que se desenvolvia no Egito Antigo, ou no Império Asteca, antes da chegada dos espanhóis, em 1519? Neste caso, em geral, recorre-se às gravuras específicas que os sacerdotes-artistas do Antigo Egito ou do altiplano mexicano pintaram sobre o objeto em foco e, não, aos códices específicos da área da educação.

Além disso, a literatura africana contemporânea, cuja disseminação no Brasil é bastante visível, tem sua inspiração em literatos brasileiros, como se demonstrará mais adiante neste trabalho. Mais ainda: nunca é demais lembrar ainda que o País teve uma presença massiva de africanos escravizados que constituíram parte expressiva da composição do perfil demográfico de sua população, desde a primeira metade do século XVI até o final do século XIX. Essa massa de africanos nativos, secundada por afrodescendentes que, até hoje, têm significativa expressão na composição populacional do País tem deixado marcas culturais e educacionais indeléveis nas visões de mundo das diversas classes sociais da formação social

<sup>1</sup> Evidentemente não se refere aqui à denominada “arte engajada”, cujos propósitos político-militantes acabam se sobrepondo aos estéticos.

brasileira. À maioria desse estrato demográfico foi e tem sido negado o direito de ler e escrever na língua materna e na língua falada pelos escravocratas; tendo lhes sido sonogado, também, o mesmo direito ao compartilhamento da produção educacional e cultural do País, justificando-se, por isso, o exame atual do que registram os intelectuais orgânicos das formações sociais africanas, a respeito de suas próprias culturas colonizadas e pós-coloniais. Compreender a riqueza das informações e das análises que eles nos oferecem tem, no mínimo, o mesmo valor que é atribuído à produção artístico-literária dos brancos europeus, para a formação da consciência cívico-crítica de nossa infância e juventude.

No caso das outras etnias que formaram nossa população – os povos ancestrais que aqui viviam antes da chega dos europeus – mesmo considerando o legado das formações sociais ágrafas, suas produções culturais também deverão ser pesquisadas, estudadas e disseminadas, uma vez a oralidade em nada prejudica sua qualidade estética, nem sua eficiência como fonte primária de informação histórica para a educação. É evidente que os recursos metodológicos, no caso da literatura desses povos deverão ser outros, especialmente os que conseguem identificar, captar e analisar os produtos da memória oral coletiva.

No final do século XX, uma plêiade de escritores africanos de língua portuguesa<sup>2</sup> emergiu no cenário literário, chamando a atenção dos leitores e da crítica especializada, não apenas pela originalidade das tramas, que revelavam uma África até então desconhecida, mas, também e sobretudo, pela originalidade das abordagens e pela verdadeira recriação do idioma lusófono. Agualusa, Mia Couto e Pepetela, dentre outros, destacaram-se, inclusive, pela tradução de suas obras em vários idiomas, pelas edições delas mundo afora e pelos prêmios recebidos. Eles vêm revelando um universo romanesco e poético inéditos, não ficando nada a dever aos mais prestigiados escritores contemporâneos de outros continentes.

Não apenas por suas próprias proclamações, mas também pelas tramas e pelos estilos, percebe-se, pelo menos em dois dos três mencionados, uma profunda influência da literatura brasileira em seus escritos.

Mia Couto, pseudônimo de António Emílio Leite Couto, é, certamente o mais prolífero deles, especialmente pelas coletâneas de contos – *Estórias Abensonhadas* (1994)<sup>3</sup> e *Na berma*

<sup>2</sup> Há, também, muitos escritores africanos contemporâneos de prestígio que escrevem e publicam em outras línguas. E não produzem apenas literatura, mas, obras analíticas sofisticadas, em vários campos do conhecimento, destacando-se, especialmente, nas análises do mundo pós-independência, no que se poderia denominar “razões pós-coloniais”. Este é o caso do pensador queniano Ngũgĩ Wa Thiong’o, que vem travando uma épica batalha em defesa das línguas e das literaturas do continente africano, tanto por meio de ensaios histórico-sociológico-epistemológicos profundos (v. *Decolonising the mind: the politics of language in african literature*, publicado pela primeira vez em 1986), como por intermédio de romances, dramaturgia e literatura infantil. Decidiu, a partir determinado momento, que não mis escreveria em inglês, mas, na língua gikuyu, um dos idiomas de sua terra. Outro sul-africano, naturalizado australiano, John Maxwell Coetzee, ganhou o prêmio Nobel de literatura em 2003. Seu *Diário de um ano ruim* (2008), um de seus romances mais criativos, é uma verdadeira obra prima e, nele, alterna três planos narrativos. Por fim, entre muitos outros e outras, destaque-se o filósofo camaronês Achille Mbembe: um dos mais combativos pensadores antirracistas da atualidade. Ele criou, em 2003, o conceito de “Necropolítica” e é o autor do premiado *Critique de la raison nègre* (*Crítica da Razão Negra*, 2017), publicado em Paris no ano anterior, prestando uma fabulosa contribuição científico-epistemológica aos estudos sobre racismo e antirracismo na produção cultural.

<sup>3</sup> Foram consultadas e citadas as primeiras edições das obras ficção.

de nenhuma estrada (2001) – e pelos romances, dentre os quais se destaca *Terra Sonâmbula* (1992), que recebeu o prêmio Camões e que foi considerado como um dos dez melhores livros africanos do século XX. *Jerusalém*, do mesmo escritor e que, no Brasil, foi publicado sob o título *Antes de nascer o mundo* (2009), sendo lançado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE), com a presença do próprio escritor, numa conferência magna, é uma espantosa narrativa sobre uma tentativa frustrada de recriação do mundo na África profunda. Neste romance, Mia Couto continua lançando mão de uma expressão originalíssima, em que a língua portuguesa é reinventada à luz da galáxia idiomática de Moçambique.

Mia Couto (1955 - ) não esconde as influências e as inspirações recebidas de escritores de escritores brasileiros, como Jorge Amado e João Guimarães Rosa, sendo este último explicitamente secundado nas tentativas de reinvenção do idioma pelo escritor moçambicano.

Agualusa, ou José Eduardo Agualusa Alves da Cunha (1960 - ), escritor e jornalista angolano, embora não confesse claramente ter sido marcado pelas influências brasileiras, no livro *O lugar do morto* (2011), deixa clara sua profunda conexão com autores nacionais, conforme se verá mais adiante.

Tampouco sem as explícitas ligações com a literatura e com a cultura brasileiras, o também angolano Artur Carlos Maurício Pestana do Santos, ou mais popularmente conhecido como Pepetela – pseudônimo literário que adotou e que na língua umbundo significa “pestanda” –, chegou a viver larga temporada no Brasil, na década de 1990, por causa de dificuldades políticas que enfrentou em Angola e, por isso, certamente, apresenta, em seus romances, tipicamente angolanos, substratos comuns ou convergentes com os da comunidade literária de língua portuguesa<sup>4</sup>, da qual a brasileira é uma das mais prolíferas e expressivas.

Estes autores afro-lusofônicos e outros, como José Vieira Mateus da Graça, mais conhecido como José Luandino Vieira (1935- ), ainda que invisibilizados pela hegemonia euro-norte-americana que impera também no mundo literário e na indústria editorial, acabaram por revelar uma África que vai muito além das narrativas fantásticas sobre a natureza e os mistérios de um continente que foi celeiro da mão de obra escravizada pelo Escravidismo Moderno. Quase sempre “lido”, pelo resto do mundo, como o Éden da vida selvagem e como o território pós-independência das guerras fratricidas, as denominações

<sup>4</sup> No caso das línguas africanas criadas a partir do enriquecimento da língua portuguesa pelas contribuições nativas, surgiram os diversos “crioulos” nas antigas colônias africanas portuguesas. No caso do Brasil, a reinvenção da língua portuguesa é tão rica, seja no vocabulário, seja na ortografia que, talvez, já se pudesse dizer que não se fala, nem se escreve, neste país, em Português, mas em “Brasileiro”. Portanto, aqui, teria sido criado um outro idioma. Neste aspecto, o acordo ortográfico, visando a uniformização da escrita nos países lusofônicos não deixa de ser uma resistência conservadora à cultura pós-colonial, para não dizer que é um projeto cultural imperial.

específicas das formações sociais têm sido eclipsadas pelo topônimo “África”, na visão colonialista ocidental. Para qualquer outro povo da atualidade a referência da naturalidade é sempre a da nacionalidade: francês, alemão, estadunidense, brasileiro etc. Quando se se busca identificar um angolano, uma moçambicana, um nigeriano etc., a denominação é sempre “toponômica” genérica: “africana” ou “africano”. É curioso que esta contrafação imperialista burguesa ocidental, que sempre defendeu o coletivo artificial “nacionalismo” – para esconder o verdadeiro coletivo, a consciência de classe – seja negada aos africanos. Certamente porque “África” acaba por generalizar os celeiros de mão de obra escravizada e justificada, pela primeira vez na história, a partir da modernidade, por meio do racismo estrutural uniformizador.

Contudo, os escritores em tela neste trabalho não são regionalistas. Embora produzam suas obras com uma extraordinária força “identitatória”, esses contemporâneos escritores africanos de língua portuguesa vêm discutindo a dor, a alegria, as tradições, os sonhos e as projeções humanas, em suma, vêm abordando os problemas universais da humanidade de todos os tempos e de todos os continentes.

Quanto à referencialidade na literatura brasileira, é bom lembrar que, desde o século XVIII, os grandes autores que se exprimiam nessa língua eram brasileiros. Sem nenhuma “patriotada”, Antônio José da Silva (1705-1739), o Judeu, e Tomás António Gonzaga (1744-1810) se destacam entre os maiores escritores de língua portuguesa do século XVIII e, certamente, influenciaram e continuam influenciando os escritores nascidos nas terras do antigo Império Português. O primeiro, nascido no Brasil, mais precisamente em S. João do Meriti, e executado por práticas judaizantes, pela Inquisição, em um ato de fé, no fim da primeira metade do século do Iluminismo, foi considerado como o maior escritor da língua na época, mormente por sua dramaturgia satírica. Inspirou inúmeros escritores, portugueses, brasileiros e os que viviam em terras coloniais africanas lusofônicas. Já Tomás António Gonzaga, ouvidor e poeta arcádico, foi condenado a degredo perpétuo em Moçambique, por sua participação na Inconfidência Mineira de 1789, lá passando o resto da vida e lá deixando marcas indelévels de sua genialidade poética. Escreveu, como se sabe, *Marília de Dirceu* (1792), poema lírico do Arcadismo, dedicado à amada Maria Dorothea Joaquina de Seixas Brandão. Escreveu ainda o poema satírico-político *Cartas Chilenas* (1863)<sup>5</sup>, no qual, certamente inspirou-se em Montesquieu, travestindo, pelo contexto do Chile – Critilo, de Santiago do Chile, escreve cartas ao amigo Doroteu, na Espanha – analisando as conflituosas

<sup>5</sup> Já é sobejamente conhecido que Montesquieu (1689-1755), com as *Cartas persas* (1721), havia criado um novo gênero literário – “cartas” –, que lhe permitiram ludibriar a censura absolutista, travestindo a realidade francesa pela realidade do distante império persa. Montesquieu ainda daria uma imensa contribuição à democracia burguesa, com seu *O espírito das leis* (1748), no qual formula a divisão, separação e harmonia de poderes da República.

relações dos colonos mineradores em Minas Gerais com metrópole portuguesa, representada pelo governador personificado em Fanfarrão Minésio, então ridicularizado pelo poeta arcádico.

As influências brasileiras sobre os escritores africanos podem ser recuadas até mesmo ao século XVII, quando pontificou na literatura de língua portuguesa outro escritor brasileiro muito conhecido no mundo literário por sua poesia satírica: Gregório de Matos (1636-1696), “o Boca do Inferno”<sup>6</sup>. E o biólogo-escritor de Moçambique estende, no tempo, a inspiração brasileira nos romancistas africanos, tanto para trás quanto para frente:

A nossa dívida literária para com o Brasil começa há séculos atrás, quando Gregório de Matos e Tomaz Gonzaga ajudaram a criar os primeiros núcleos literários em Angola e Moçambique.

[...]

É preciso dizer que o escritor baiano [referindo-se a Jorge Amado] não viajava sozinho: com ele chegavam Manuel Bandeira, Lins do Rego, Jorge de Lima, Erico Verissimo, Rachel de Queiroz, Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e tantos, tantos outros (Couto, 2011, p. 56).

Em seguida, cada um dos três escritores destacados, será abordado mais especificamente em sua vida e obra que, como se demonstrará, por meio da força de sua literatura, não apenas ombreiam-se com as/os grandes poetas e prosadoras/es do mundo contemporâneo, como também se projetam como intelectuais orgânicos de seus respectivos países, recém-saídos das guerras coloniais, dando lições abissais sobre a própria condição humana.

## 2 Pepetela: a magia do romance histórico

A análise da vida e obra dos três escritores africanos contemporâneos que constam deste trabalho será iniciada pelo, talvez, menos influenciado pela literatura brasileira – em nenhum momento de sua carreira como romancista ele confessa, como Mia Couto e Agualusa, essa influência – apesar das convergências temáticas e estilísticas perceptíveis em sua escrita.

Aliás, foi inspirado no título do belo romance de Pepetela, *O planalto e a estepe: A história de um amor impossível* (2009), que se construiu o título deste artigo: “A Selva e a Savana”, numa clara alusão ao Brasil, cuja selva amazônica está no foco das discussões mundiais, e à paisagem predominante da África, anunciadora dos desertos, a savana.

<sup>6</sup> A historiadora Ana Maria Miranda estreou como romancista, publicando, em 1990, o inovador romance histórico a respeito da vida e obra do poeta baiano seiscentista, *Boca do inferno*, que, trinta anos depois, teve uma edição comemorativa pela Companhia das Letras. No primeiro lançamento, a obra conferiu à autora o prêmio Jabuti, na categoria revelação, uma das mais importantes lãureas das letras brasileiras.

No mencionado romance, uma das mais líricas tramas da narrativa ficcional do século XXI, Pepetela aproveita-se de fatos históricos, certamente ocorridos, para construir a comovente relação amorosa entre um guerrilheiro angolano e uma jovem mongol e, simultaneamente, reconstituir, com detalhes, a formação que era oferecida pela União das Repúblicas Soviéticas (URSS) às/aos envolvidas/os nas guerras coloniais de libertação.

O lirismo pepeteliano não é repetido em *Os predadores* (2005), um romance impactante que, analisa, sem dó nem piedade, a turbulenta Angola pós-colonial – a independência fora proclamada em 1975 –, onde os ricos corruptos se tornam mais ricos e os pobres trabalhadores honestos, que arriscaram suas vidas na guerra de libertação do país do jugo colonial, amargam a exacerbação de sua pobreza e de seus sofrimentos, numa sociedade extremamente desigual e violenta.

O autor participou do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), facção guerrilheira marxista que, com apoio cubano, depois da conquistar a independência teve de enfrentar duas verdadeiras guerras civis contra a direita, configuradas, respectivamente, na União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) e na Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), que tentaram “sanduichar” a recém proclamada República com ataques ao sul e ao norte, apoiadas pela racista África do Sul e pelos Estados Unidos, fragilizando o governo legitimamente recém instalado. A memória da épica “guerra colonial” de Angola está registrada magistralmente no romance *Mayombe* (2013), de Pepetela.

Artur Carlos Maurício Pestana do Santos, ou melhor, Pepetela, chegou a ser membro (vice-ministro da Educação) do governo do artífice da independência e primeiro presidente da República de Angola, Agostinho Neto (1922-1979), que governou o país como seu primeiro Presidente, de 1975 a 1979.

### 3 Agualusa: o *médium* da literatura

Vários são os romances de José Eduardo Agualusa Alves da Cunha, ou simplesmente Agualusa, mas um destaque especial será dado a *O lugar do morto*, publicado em Portugal em 2011. Na obra, Agualusa “incorpora” autores já falecidos, como Vladimir Nabokov (1899-1977), autor de *Lolita* (1955) – traduzido e publicado no Brasil em 2011 – e o põe discutindo um tema da atualidade, como o que se deve saber sobre Barack Obama<sup>7</sup>. Eça de Queiroz (1845-1900) é também trazido ao presente para escrever uma crônica sobre Portugal contemporâneo. Ao longo dos capítulos do livro, Agualusa vai “psicografando” 24 escritores

<sup>7</sup> À época do lançamento do livro, Obama era Presidente dos Estados Unidos, pois seus dois mandatos duraram de 2009 a 2017.

já falecidos e vai se colocando no lugar deles, com uma polifônica voz, pois não parece ser ele o autor, mas o próprio morto ou a própria morta ressuscitado/a literariamente e, com eles e elas, emergem os estilos próprios, personalíssimos, de cada um.

Vários são os brasileiros “reencarnados”: Padre António Vieira (1608-1697), Gregório de Matos (1636-1696), Machado de Assis (1808-1897), Euclides da Cunha (1866-1909), Raquel de Queiroz (1910-2003), Jorge Amado (1912-2001) e Vinicius de Moraes (1913-1990). O mais fantástico é que, embora cada um deles ou delas tenha desenvolvido um estilo próprio inconfundível, por meio da pena, ou melhor, por meio do teclado de Agualusa, eles e elas vão se ressuscitando e vão escrevendo sua opinião sobre uma questão contemporânea escolhida para cada capítulo do livro, mantendo as especificidades e as idiosincrasias dos próprios modos de escrever. Assim, quando em um dos capítulos da obra, Machado de Assis é convidado a refletir sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa<sup>8</sup>, a impressão que se tem, para quem reconhece a identidade da escrita machadiana, é que o próprio autor de *Dom Casmurro* (1899) é quem escreveu o capítulo do livro de Agualusa, tanto pela erudição típica de Machado, quanto pelo *humor* que o caracterizou como o “Bruxo do Cosme Velho”, na opinião de Carlos Drummond de Andrade<sup>9</sup>.

Do mesmo modo, em outro capítulo, Jorge Amado, que foi filiado ao Partido Comunista e que, na primeira fase de sua produção literária, quando produziu romances como *País do Carnaval* (1931), *Suor* (1934) e *Cacau* (1933), foi um escritor engajado, chegando a escrever uma biografia do Presidente do Partido, Luís Carlos Prestes, *O cavaleiro da esperança* (1942), no livro de Agualusa, ele faz uma crítica radical aos patrulheiros do “politicamente correto” de hoje.

Além dessa verdadeira façanha poliestilística, Agualusa escreveu outro romance em que a narrativa da trama sai da boca de uma lagartixa: *O vendedor de passados* (2004).

O agrônomo José Eduardo Andalusia Alves da Cunha, cinco anos mais novo do que Mia Couto, nasceu em Huambo, cidade da então África Ocidental Portuguesa, hoje Angola, em 1960. Autor premiadíssimo, hoje, vive praticamente de sua escrita ficcional e do jornalismo, colaborando em periódicos de grande circulação, em seu país e fora dele, como, por exemplo, escrevendo crônicas para *O Globo*. Para alguns críticos, sua obra magna é o romance *Teoria geral do esquecimento* (2012). De qualquer forma, outros romances escritos

<sup>8</sup> Tendo em vista padronizar a ortografia da língua portuguesa em todos os países da comunidade lusofônica - Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste – o acordo foi assinado em 1990, cabendo a cada país signatário fixar o início da vigência em seu respectivo território. No Brasil, previsto para entrar em vigor em janeiro de 2013, o acordo teve seu início de implantação prorrogado para 2016. Ainda que dilatado o prazo para início da entrada em vigor, “para uma melhor implementação”, conforme se justificou o governo da época, muita gente ainda tem dúvidas quanto à nova ortografia, que passou a vigorar para a edição textos em geral e de livros, bem como para o componente curricular relativo ao ensino da língua materna.

<sup>9</sup> A *um bruxo, com amor*, poema de Carlos Drummond de Andrade, no qual o poeta afirma: “...bruxo alusivo e zombeteiro, que resolves em mim tantos enigmas.” O poema foi publicado na obra *A vida passada a limpo* (2013).

até agora, como *As mulheres de meu pai* (2023), continuam revelando a genialidade deste verdadeiro campeão do adequado uso do foco narrativo – adequado, diga-se de passagem, para cada uma das diversificadas e inusitadas tramas que arquiteta.

#### 4 Mia Couto e o “transe” literário

O último dos três autores analisados, neste trabalho, é Mia Couto, certamente o mais prolífero, o mais premiado e o mais traduzido deles. Nasceu na cidade de Beira, na província de Sofala, em Moçambique, em 1955. Segundo informação da *Wikipédia*, adotou o pseudônimo “Mia Couto” porque gosta muito de gatos.

Aos 16 anos de idade mudou-se para Maputo, a capital de Moçambique que, na época chamava-se Lourenço Marques, onde iniciou estudos de medicina, mas, que abandonou antes de completar a metade do curso. Trabalhou como jornalista e, ainda na mocidade, publicou o primeiro livro de poesia, *Raiz de Orvalho*.

Retornando aos estudos universitários, acabou por se formar como biólogo. É o próprio Mia Couto que afirmou, em um de seus trabalhos, que se dedicou à biologia, por que “... mais do que uma disciplina, a Biologia é para mim uma indisciplina científica, um modo de estar mais próximo das perguntas do que das respostas” (2009, p. 45).

Este “indisciplinado cientista” acabou por criar um novo tipo de narrativa, não somente pelo verdadeiro realismo fantástico africano com que aborda suas temáticas, como pela bela tentativa de recriação da língua portuguesa. Em seu primeiro romance *Terra sonâmbula* (1992), por exemplo, distancia-se como autor, propondo dois deslocamentos na narrativa: o personagem central, um menino que vive com o avô em um micro-ônibus carbonizado pela guerra civil, encontra cadernos com uma espécie de diário de outro menino e a narrativa vai se alternando entre o que narram diretamente os personagens centrais da trama e o que está escrito nos cadernos encontrados.

Em 2013, Mia Couto recebeu o prêmio Camões, certamente o mais importante da língua portuguesa, das mãos do Presidente de Portugal, Cavaco Silva, e da Presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

Escreveu outros premiados romances, como *A Varanda do Frangipani* (1996), *O último voo do flamingo* (2000), *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), *O outro pé da sereia* (2006), *Venenos de Deus, remédios do Diabo* (2008), *Jesusalém* (2009) que, no Brasil, teve como título *Antes de nascer o mundo*, *A confissão da leoa* (2012), além da trilogia, *As areias do Imperador* (2015), com os interligados e independentes

extraordinários romances *Mulheres de cinza*, *Sombras da água* e *O bebedor de horizontes*, nos quais reconstitui a verdadeira epopeia do Estado de Gaza, o segundo maior império erigido em território africano e na história da África, pelo líder nativo Ngugunyane<sup>10</sup>, que teria oferecido imensa resistência aos colonizadores portugueses.

Em 2020, publicou *O mapeador de horizontes*, um romance autobiográfico, no qual o personagem central retorna a Beira, sua cidade natal, e reconstitui, afetivamente, os atores históricos que povoaram sua infância e adolescência.

Embora dedique boa parte de seu tempo à literatura, Mia Couto continua trabalhando como biólogo, por meio da empresa que criou, a Impacto Ltda., e como professor de Ecologia na Universidade Eduardo Mondlane

Além das poesias consagradas pelo público e pela crítica especializada, suas obras se destacam mesmo é no campo da prosa (poética), com inúmeros contos e romances. Aí desenvolve toda sua criatividade, ombreando com os grandes autores latino-americanos do chamado “Realismo Fantástico”, ou “Realismo Mágico”, que, em África, seria mais adequado chamá-lo de “Realismo Animista”, no qual as forças da natureza falam mais alto. Dentre as coletâneas de contos, poderiam ser destacados, além dos já citados, os livros *Vozes anoitecidas* (1986), *Cada homem é uma raça* (1990) e *Contos do nascer da terra* (1997).

Por todo este legado literário de alguém que, ainda certamente brindará o mundo com muitas obras, Mia Couto foi eleito, em 1998, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 5, cujo patrono é Dom Francisco de Sousa.

Ainda que tenha colaborado muito para o jornalismo, mantendo colunas em periódicos, Mia Couto publicou poucos livros de crônicas, como *Cronicando* (1988), *Pensatempos* (2005) e *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções* (2009). São obras de não-ficção a que o próprio autor faz referência, destacando os dois últimos livros citados:

Tal como o anterior *Pensatempos*, este não é um livro de ficção. Os textos que aqui se reúnem cumprem a missão de intervenção social que a mim mesmo me incumbio como cidadão e como escritor. Com a exceção do artigo sobre a eleição de Obama, todos os restantes textos foram concebidos para alocações a serem proferidas em encontros e colóquios dentro e fora de Moçambique. Conservei o mais possível a forma coloquial e deixei intencionalmente escapar, aqui e ali, pequenas repetições e improvisações (Couto, 2009, p. 7).

No entanto, é nos textos ficcionais que se percebem as profundas marcas da literatura brasileira na inspiração literária dos afro-escritores:

<sup>10</sup> Gungunhana, ou o *Leão de Gaza*, nasceu por volta de 1850 e faleceu em Portugal, em 1906. Era filho de Muzila e neto de Manicusse – criador do Império dos *nguni*, no atual território de Moçambique. Sua biografia romanceada foi escrita por Ungalani Ba Ka Khosa, com o título de *Ualapi* (1987), no qual narra sua cruel ascensão ao trono. Esta narrativa é completada por outra história, *As mulheres do imperador* (2018), na qual o mesmo autor narra os últimos dias do imperador africano em seu exílio e morte em Portugal, ou melhor, nos Açores.

Decidi, então, que não iria falar de um escritor nem da sua escrita. Falaria, sim, das razões que creio assistirem a essa poderosa influência que João Guimarães Rosa teve em alguma da literatura africana de língua portuguesa.

[...]

Na realidade, reconheço algumas razões pessoais que fizeram do meu encontro com Rosa uma espécie de abalo sísmico na minha alma. Algumas dessas razões eu as reconheço hoje.

[...]

Mas decidi não falar de mim, nem de Rosa, nem de escritores. O meu propósito aqui é sobretudo entender por que razão um autor brasileiro influenciou tanto escritores africanos de língua portuguesa (o caso paradigmático será o Luandino Vieira, mas há outros como o angolano Boaventura Cardoso, os moçambicanos Ascêncio de Freitas e Tomaz Vieira Mário).

(Couto, 2011, p. 97-99).

Como se pode perceber, incontestavelmente, João Guimarães Rosa tem sido um *tsunâmico* impacto na produção literária de Mia Couto. Mas, as influências brasileiras sobre a literatura africana em geral aparecem no depoimento do próprio Mia Couto, quando ele faz referências a outros escritores, de ambos os lados do Atlântico, destacando os brasileiros, como Jorge Amado, e até mesmo escritores nacionais de séculos anteriores como referenciais:

Eu venho de muito longe e trago aquilo que acredito ser uma mensagem partilhada pelos meus colegas escritores de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. A mensagem é a seguinte: Jorge Amado não foi apenas o mais lido dos escritores estrangeiros. Ele foi o escritor que maior influência teve na génese da literatura dos países africanos que falam português.

A nossa dívida literária para com o Brasil começa há séculos atrás, quando Gregório de Matos e Tomaz Gonzaga ajudaram a criar os primeiros núcleos literários em Angola e Moçambique (*id.*, *ibid.*, p. 55).

Em outra oportunidade, também numa conferência que proferiu no Brasil, Mia Couto teria dito que, quando leu Guimarães Rosa, ele teria “entrado em transe”, numa demonstração de que sua identidade maior é com o escritor mineiro, autor de *Grande sertão: veredas* (1956). E esta proximidade se explica, não pelo conteúdo, mas pela forma, na tentativa que ambos fizeram de reinventar a língua portuguesa.

Recentemente, Mia Couto e Agualusa, que são amigos, foram reunidos em uma entrevista dialogada, que foi publicada numa obra que apresenta uma produção literária conjunta – peças de teatro escritas a quatro mãos, transformadas em contos –, explorando o substrato comum da originalidade identitária africana de ambos. No Brasil, saiu com o título *O terrorista elegante e outras histórias* (2019).

Este trabalho será concluído com alguns comentários que poderão ser úteis, no sentido de se perceber as profundas ligações da obra desses escritores africanos contemporâneos de língua portuguesa com as questões educacionais, mormente com a pesquisa na área. No caso da pesquisa na área das ciências sociais e das humanidades e, mais especificamente da

pesquisa em educação, será destacado um texto de Mia Couto, em uma de suas poucas obras não-ficcionais já mencionadas, ainda que escrito em uma verdadeira prosa poética. Veja-se, por exemplo, a própria confissão do autor no texto “Quebrar Armadilhas”, que se encontra no livro *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*:

Uma das primeiras armadilhas interiores é aquilo que chamamos de “realidade”. Falo, é claro, da ideia de realidade que actua como a grande fiscalizadora do nosso pensamento. O maior desafio é sermos capazes de não ficar aprisionados nesse recinto que uns chamam de “razão”, outros de “bom-senso”. A realidade é uma construção social e é, frequentemente, demasiado real para ser verdadeira. Nós não temos sempre que a levar tão a sério.

Quando Ho Chi Minh saiu da prisão e lhe perguntaram como conseguiu escrever versos tão cheios de ternura numa prisão tão desumana ele respondeu: “Eu desvalorizei as paredes”. Essa lição se converteu num lema da minha conduta.

Ho Chi Minh ensinou a si próprio a ler para além dos muros da prisão. Ensinar a **ler é sempre ensinar a transpor o imediato**. É ensinar a escolher entre sentidos visíveis e invisíveis. É ensinar a pensar no sentido original da palavra “pensar” que significava “curar” ou “tratar” um ferimento. Temos de repensar o mundo no sentido terapêutico de o salvar de doenças de que padece. (Couto, 2009, p. 89- 90 – O destaque é de J.E. Romão).

Como se pode perceber, a convergência com o pensamento de Paulo Freire é nítida, no sentido, por exemplo, do conceito de “mediatização” usado pelo Patrono da Educação Brasileira, em *Pedagogia do oprimido*: o manuscrito: “Já agora ninguém educa ninguém como tampouco ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (2018, p. 164-165). Certamente, Freire usou o neologismo “mediatizar” para não ser confundido com “mediar”, no sentido de intermediação, porque na perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético, a mediação significa a superação do conhecimento imediato pelo conhecimento mediato, como evidencia o texto de Mia Couto citado.

Entretanto, o que se quer chamar a atenção deste mesmo livro do autor moçambicano é o texto em que ele narra, jocosa e profundamente, os problemas da comunicação entre falantes de línguas diferentes. No capítulo “Línguas que não sabemos que sabíamos”,<sup>11</sup> do livro *E se Obama fosse africano? e outras intervenções*, Mia Couto reproduz uma experiência que viveu como biólogo. Vale a pena fazer uma citação mais longa para se perceber, não somente a profundidade da reflexão sobre tradução, como a original abordagem linguístico-irônica da pretensão científica absolutamente objetiva e imperial:

<sup>11</sup> Texto da intervenção na Conferência Internacional de Literatura WALTIC, realizada em Estocolmo em 2008.

Recordo um episódio que sucedeu comigo. Em 1989, fazia pesquisa na Ilha da Inhaca quando desembarcou nessa ilha uma equipa de técnicos das Nações Unidas. Vinham fazer aquilo que se costuma chamar de “educação ambiental”. Não quero comentar aqui como esse conceito de *educação ambiental* esconde muitas vezes uma arrogância messiânica. A verdade é que, munidos de boa-fé, os cientistas traziam malas com projectores de slides e filmes. Traziam, enfim, aquilo que na sua linguagem designavam por “kits de educação”, na ingénua esperança de que a tecnologia é a salvação para problemas de entendimento e de comunicação. Na primeira reunião com a população surgiram curiosos mal-entendidos que revelam a dificuldade de tradução não de palavras mas de pensamento. No pódio estavam os cientistas que falavam em inglês, eu, que traduzia para português, e um pescador que traduzia de português para a língua local, o chidindinhe. Tudo começou logo na apresentação dos visitantes (devo dizer que, por acaso, a maior parte deles eram suecos). “Somos cientistas”, disseram eles. Contudo, a palavra “cientista” não existe na língua local. O termo escolhido pelo tradutor foi *inguetlha* que quer dizer feiticeiro. Os visitantes surgiam assim aos olhos daquela gente como feiticeiros brancos.

A sucessão de equívocos provocados pelas dificuldades de comunicação acabou por inviabilizar a missão científica dos agentes das Nações Unidas que, embora carregados de boa-fé e munidos dos mais sofisticados recursos tecnológicos, não conseguiam fazer a “extensão” de seus conhecimentos cientificamente consolidados para a sabedoria ancestral do povo moçambicano da Ilha da Inhaca. Como Umberto Eco (v. *Quase a mesma coisa*, 2007), Mia Couto alerta que não há tradução puramente linguística, mas tradução cultural; o que existe é “tradução de pensamento”. Ambos lembram Paulo Freire, com sua *Extensão ou comunicação?*, em que o Patrono da Educação Brasileira alerta os sisudos acadêmicos que extensão não existe, porque toda informação transmitida não é apenas recebida, mas é ativamente reelaborada a partir da cultura e da visão de mundo de quem é o alvo da mensagem inicial.

## 5 Considerações finais, sintéticas e provisórias

Esperamos que tenha ficado demonstrando o quanto a literatura é importante para a reconstituição histórica da cultura de um povo e, por isso, fundamental para a formação das novas gerações que têm de penetrar na alma das formações sociais para compreender a própria e conviver com os diferentes.

Além disso, as contribuições dos diversos são também importantes para o reconhecimento de própria relatividade, pois é comparando-se cultural e pedagogicamente com os demais que se percebe o quanto é rica a diferença e, não a homogeneidade. Esta é sempre imperial, autoritária, ditatorial.

No caso em tela, a produção literária africana contemporânea de língua portuguesa, revela, também, muito da alma nacional, porque é nas várias nações da imensa e profunda África que se deitam as raízes étnico-culturais brasileiras.

Por estas e, certamente, por muitas outras razões, o levantamento, a identificação e a análise da produção literária africana – aqui se justifica o adjetivo pátrio, porque, efetivamente, bantos, nagôs, guineano-sudaneses islamizados etc. ajudaram a configurar a população brasileira –, sem falar da fruição pessoal, pois é perder a chance de usufruir experiências verdadeiramente sublimes deixar de ler as obras dos autores analisados.

### Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Lisboa; D. Quixote, 2004.

AGUALUSA, José Eduardo. *O lugar do morto*. Lisboa: Tinta da china, 2011.

AGUALUSA, José Eduardo; COUTO, Mia. *O terrorista elegante e outras histórias*. São Paulo: Tusquets, 2019.

AMADO, Jorge. *O País do Carnaval - Cacau - Suor*. Rio de Janeiro: Martins, 1955.

AMADO, Jorge. *O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

AMADO, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade 1: Os ásperos tempos* São Paulo: Record, 2001.

AMADO, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade 2: Agonia da noite*. São Paulo: Record, 2002.

AMADO, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade 3: A luz no túnel*. São Paulo: Record, 1976.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A via passada a limpo*. São Paulo; Companhia das Letras, 2013.

COETZEE, J. M. *Diário de um ano ruim*. Tradução José Rubens Siqueira, São Paulo: companhia das Letras, 2008.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Lisboa: Caminho, 1992.

COUTO, Mia. *Histórias abensonhadas*. Lisboa: Caminho 1994.

COUTO, Mia. *Na berma de nenhuma estrada*. Lisboa: Caminho, 2001.

COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Tradução Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido: o manuscrito*. São Paulo: Ed. UNINOVE; BT Acadêmica e Ed. IPF.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. Tradução Rosiska Darcy de Oliveira, 23. ed., Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GONZAGA, Tomás António. *Marília de Dirceu*. Londres: Peguin; São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

GONZAGA, Tomás António. *Cartas chilenas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

KHOSA, Ungalani Ba Ka. *Ualapi e As mulheres do imperador*. São Paulo: Kapulana, 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. 2. ed., tradução Marta Lança, Lisboa: Antígona, 2017.

MIRANDA, Ana Maria. *Boca do Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MONTESQUIEU. *O espírito das leis*. Tradução Cristina Murachco, São Paulo: Martins fontes, 1993.

MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Tradução Mário Barreto, Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

NABOKOV, Vladimir. *Lolita*. Tradução Sérgio Flaksman, São Paulo; Companhia das Letras, 2011.

PEPETELA. *O planalto e a estepe*. São Paulo: Leya, 2013.

PEPETELA. *Os predadores*. Lisboa: D. Quixote, 2005.

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2011.

QUEIROZ, Raquel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994 (2 v.).

SILVA, Antônio José da. *Guerras do Alecrim e da Manjerona*. Porto: Editora do Porto.

Biblioteca Digital – Clássicos da língua Portuguesa. Disponível em

<https://edisciplinas.usp.br/mod/folder/view.php?id=2205385>. Acessado em 18 de novembro de 2023.

THIONG’O, Ngungi Wa. *Decolonising the mind: the politics of language in African literature*. Nairobi: East African educational publishers, 2005.